

## RESISTINDO À GLOBALIZAÇÃO: Os MACABEUS

Neuza Silveira de Souza  
Maria de Lourdes Augusta

### Resumo

*Apresenta-nos a revolta dos macabeus como símbolo da reação anti-imperial. O modo de vida e a organização social promovidos pelo helenismo são o foco da atenção de Macabeus. A revolta macabaica é destacada, especialmente, pelo 1Mc, cujos personagens principais são os irmãos Judas, Jônatas e Simão; suas batalhas conduzem à libertação do templo de Jerusalém. Por sua vez, o 2Mc focaliza a reforma helenística, que atenta contra a Lei e o Templo, salientando a resistência ativa (Judas) e a passiva (os mártires), trazendo consigo também a libertação do Templo e sua nova dedicação. Macabeus mostra que nem todos os projetos de progresso e desenvolvimento político e econômico – no caso, representados pelo helenismo – se traduzem em reais melhorias para a vida das pessoas, especialmente, dos pobres. Em mais este caso, será a religião, por meio da fidelidade à Aliança e às tradições que alimentará e definirá a resistência a esses projetos autoritários.*

**Palavras-chave:** *Macabeus. Revolta. Helenismo. Templo. Fidelidade. Aliança.*

### Abstract

*The text introduces the rebellion protagonized by the Maccabees as the symbol of the counter-empire reaction. The way of life and social organization promoted by Hellenism is the attention focus of the Maccabees. The Maccabean rebellion is specially highlighted in the first book of Maccabees, whose main characters are the brothers Jude, Johnathan and Simon; and their battles lead to the liberation of the Temple of Jerusalem. Just like the first one, the second book of the Maccabees shows that not every project of political and economic progress and development – as the one represented by Hellenism itself – is necessarily converted into actual improvement of people's daily lives, especially the poor's. In this case,*

*religion lived out in fidelity to the Alliance and its traditions will be the element that will feed and outline the resistance against the authoritarian projects of Hellenistic times.*

**Keywords:** *Maccabees. Rebellion. Hellenism. Temple. Fidelity. Alliance.*

## **Introdução**

Não é novidade para ninguém que, mundialmente, vivemos uma crise. Se há consenso quanto ao diagnóstico, o mesmo não acontece no que diz respeito às causas de tal crise e as possíveis alternativas de superação para a humanidade. Pela primeira vez na história, a abundância está em condições de vencer a escassez, todavia coexistem em um mesmo espaço geográfico a prosperidade e a miséria. A principal causa da pobreza, no mundo atual, está relacionada com o *modelo neoliberal globalizador*. Neste contexto planetário, a América Latina e o Caribe constituem a região que apresenta a maior desigualdade social do mundo.

Ante o desafio de uma ideologia fatalista neoliberal que mercantiliza tudo, torna-se necessária a reflexão sobre o tema da *resistência* como contribuição para não se iludir pela falsa alternativa da violência ou da inércia. *Resistir* é lutar para se defender do sistema opressor e criar condições para se conseguir a justiça e a paz. Neste sentido, a fé cristã nos provoca a sairmos da passividade e buscar, sempre mais, novos paradigmas que afirmem a *vida* em todas as suas dimensões.

Para o intento deste artigo, convidamos você, querido(a) leitor(a), a viajar conosco até o período da história bíblica dos *macabeus* – período difícil e pouco conhecido, porém fascinante por sua resposta teológica ao passado de Israel e pelas provocações à fé nos dias de hoje: “Quem é o nosso Deus? Onde ele está? O que ele quer?” E ainda por suas implicações éticas aos grupos sociais e partidos políticos com seus interesses, ideologias, convicções e opções, de ontem e de hoje. Assim sendo, ousamos propor uma leitura crítica de nossa história atual, uma leitura com o espírito profético, cujo único critério de pensamento e de ação é Javé e seu projeto.

## **1. Cenários de nossa Realidade**

### *1.1 Globalização: esclarecendo o conceito*

Se o processo de globalização é capaz de produzir efeitos muito positivos para a sociedade, por que, então, levantar a bandeira da “resistência”, da “oposição”? Em outras palavras: por que pensar em alternativas, a partir da fé, para o enorme desafio do sistema neoliberal globalizador? É preciso perguntar-se: existem alternativas reais e possíveis? A primeira questão que se nos apresenta, em geral, é a confusão e ambiguidade do conceito de globalização com o processo

de universalização que vivemos atualmente, em âmbito mundial. É um engano identificar todos os processos inovadores com a globalização.

Estamos chamando de globalização ao “processo de unificação dos mercados e à homogeneização da economia mundial, segundo o modelo capitalista de desenvolvimento”<sup>1</sup>. Trata-se, portanto, de um fenômeno econômico-financeiro, expresso no enorme poder do capital transnacional, em nível mundial, pelo poderoso avanço de tecnologias. Tal fenômeno aprofunda o abismo entre ricos e pobres, provocando a marginalização e a exclusão social para grande parte da humanidade, pois ao promover a liberação generalizada dos mercados financeiros reúne grande concentração de dinheiro, enriquecendo poucos à custa da pobreza de muitos. Há um verdadeiro divórcio entre o lucro financeiro e o investimento produtivo.

### 1.2 Realidade Social e “Economia Verde”

Contemplando o cenário mundial, a situação encontrada na maioria dos países é comum e preocupante: crescimento da população de rua, precariedade do emprego, grande expansão do trabalho informal, aumento da desigualdade social, serviços públicos de saúde e de educação em decadência. A causa principal da pobreza e da exclusão está relacionada com o modelo neoliberal globalizador ao vincular o desenvolvimento à eficiência e à competitividade e não à melhoria da qualidade de vida das pessoas<sup>2</sup>.

Cresce também, cada vez mais, a preocupação com o cuidado do Planeta Terra, ameaçado pelas mudanças climáticas em consequência do aquecimento global e da ação predatória do próprio homem. Sob o discurso de preservação da natureza e do meio ambiente, começa a ser divulgada a chamada “economia verde” como caminho eficaz de solução para a crise ambiental do Brasil e da sociedade mundial, porém a pretensão do capitalismo é a de transformar em mercadorias todos os bens naturais e serviços ambientais que até agora são bens comuns de todos os seres vivos<sup>3</sup>. A “economia verde” se constitui numa verdadeira “tentação” que bate à porta, sobretudo dos povos indígenas, dos povos tradicionais e das comunidades quilombolas, que precisam resistir a fim de preservarem seus valores culturais e sua forma de vida, nos territórios em que habitam. Expande-se na América Latina o *agrobusiness* que, aos poucos, vai expulsando dos campos os camponeses tradicionais, os quais buscam refúgio nas cidades, aumentando

1. IRIARTE, G. A globalização neoliberal: absolutização do mercado que a tudo coloniza. In: SOTER; AMERÍNDIA (Org.). *Caminhos da Igreja na América Latina e no Caribe: novos desafios*. São Paulo: Paulinas, 2006, p. 21.

2. Cf. IRIARTE, G. *A globalização neoliberal*, p. 27.

3. Cf. REED. Mercado de Carbono; Pagamento por Serviços Ambientais. O que são? O que fazer? Fórum Mudanças Climáticas e Justiça Social. Comissão Episcopal Pastoral para o Serviço da Caridade, da Justiça e da Paz. Conselho Indigenista Missionário (Org.). Brasília: CEBI, 2012, p. 3.

o número de desempregados. “Para o *agrobusiness* não falta dinheiro, mas não sobra nada para a reforma agrária”<sup>4</sup>.

Nas sociedades urbanas, a economia atual exige cada vez maior produtividade no trabalho. De um lado, a empresa exerce pressões crescentes para que o trabalhador produza mais, de outro lado, reduz-se o número de trabalhadores e estimula-se a competição entre eles. E, por falar em competição, não podemos ignorar que estamos às vésperas de um megaevento esportivo – a Copa do Mundo (assim como as Olimpíadas de 2016) – que mobiliza todo o mercado, pois gera muitas oportunidades e demandas de investimento. É relevante o impacto na economia e na geração de empregos, dado que a FIFA exige o cumprimento de diversas normas com relação aos estádios, o que requer boa infraestrutura das cidades-sede. Resta saber: quem “ganha” e quem “perde” com os megaeventos? Qual o maior trunfo de um evento desta natureza?

### 1.3 Cultura e Realidade Virtual

No cerne da cultura, constata-se o rompimento das novas gerações com as instituições, os costumes, o modo de viver tradicional, os valores estabelecidos. Em geral, os jovens vivem o momento presente e quase não se preocupam em conhecer o passado. Com isso, acabam perdendo a conexão com os antepassados e, por desconhecimento, perdem os valores da cultura tradicional, até mesmo os valores religiosos.

A realidade virtual presente na sociedade brasileira tem provocado o surgimento de novos hábitos, sobretudo entre as crianças e os jovens. A internet e as novas tecnologias são usadas para o estudo, a pesquisa, o entretenimento e também como recurso para o engajamento nas questões sociais, políticas e ambientais. Dentro desta nova ambiência virtual, criam-se novos estilos de vida; novas experiências e valores vão substituindo os existentes até então. Já não se trata apenas de uma revolução tecnológica, mas humana e relacional.

O grande desafio que se impõe é o de compreender e dialogar com as novas gerações, imersas na lógica digital em que pais e filhos interagem de igual para igual e a internet e as redes sociais tornam-se, para muitos, o novo habitat. Por outro lado, as novas gerações constituem grande força transformadora dos problemas da sociedade. A “JMJ Rio-2013”, por exemplo, foi um grande sinal de fé e esperança da juventude comprometida com as novas possibilidades de mudança e de resistência a um modelo social que descarta os mais jovens.

4. COMBLIN, J. Panorama da América Latina hoje. In: SOTER (Org.). *Deus e Vida: desafios, alternativas e o futuro da América Latina e do Caribe*. São Paulo: Paulinas, 2008, p. 8.

### 1.4 Contexto Eclesial

Para nós, discípulos e discípulas de Jesus, vivendo no Continente Latino-americano, o contexto social e eclesial é determinante tanto para a reflexão teológica quanto para o testemunho cristão. Compreendemos que a situação dos milhões de empobrecidos do Continente é menos o resultado de um processo econômico inevitável, independente de decisões e previsões humanas do que, de fato, a consequência de injustiças e produções científicas calculadas, globalizadas e previsíveis da pobreza. A pobreza secular estrutural preexistente é reforçada e agravada por meio da globalização.

Nesse contexto, a religião, muitas vezes, adquire um sentido imediato e pragmático; cresce uma religiosidade eclética e difusa deslocando, em muitos grupos, o foco comunitário e social da militância para o individual, subjetivo e emocional. A religião apresenta-se como um grande “mercado religioso”, ou seja, mais um produto do capitalismo. “Ante um mercado convertido à nova divindade da globalização, o anúncio do Deus da vida continua sendo inseparável do combate às idolatrias que provocam a morte”<sup>5</sup>.

No anúncio do Deus da vida, ousamos buscar nas páginas históricas da Sagrada Escritura a inspiração e o testemunho de nossos antepassados na fé: testemunho de resistência ao Imperialismo grego através da luta contra os “males” e da fidelidade à “aliança dos pais” e à “lei de Deus”. Descobrir o agir de Deus na história é uma forma de alimentar a fé que sustenta a esperança no Deus da vida que liberta e salva o seu povo também no presente, apesar de todo pecado e violência de fora e de dentro.

## 2. Os Macabeus

### 2.1 O Nome “Macabeus”

Com o título de “Macabeus” existem quatro livros bastante diferentes. Enquanto o judaísmo rabínico não incluiu nenhum desses livros em sua lista de escritos sagrados, as Igrejas cristãs do Oriente e do Ocidente sempre acolheram os dois primeiros (1-2Mc) e os incluíram no índice canônico no Concílio de Trento (1545-1563)<sup>6</sup>. Todos os quatro livros devem seu nome a Judas Macabeu, o terceiro filho do sacerdote Matatias, que começou a revolta judaica contra os selêucidas em 167 aC. O nome *Makkabaios*, sobrenome de Judas (1Mc 2,4), provavelmente deriva de uma forma hebraica *maqabyahu*, que significa “designado por Deus”, ainda que alguns tradutores o interpretem como “martelo”

5. BONAVIA, P. Introdução. In: SOTER; AMERÍNDIA (Org.). *Caminhos da Igreja na América Latina e no Caribe...*, p. 14.

6. Cf. ZENGER, E. (ed.) et al. *Introdução ao Antigo Testamento*. São Paulo: Loyola, 2003, p. 266.

(que golpeia o inimigo) ou “mão de martelo” (se referindo a um defeito físico)<sup>7</sup>. “Valente guerreiro desde a juventude” (1Mc 2,66), Judas Macabeu se torna líder da “revolta” dos judeus.

## 2.2 O Período dos Macabeus

O período histórico dos Macabeus, marcado pelas armas e pela guerra, compreende o ano 167 até 134 aC, quando os herdeiros macedônios do imperador Alexandre Magno – os selêucidas – dominaram os povos da Palestina. As principais fontes para esse período (séc. II aC) são 1-2Mc, mas cada livro tem um objetivo definido e, para tanto, destacam aspectos diferentes da história, por vezes, até aparentemente contraditórios. Ambos não são totalmente paralelos, nem plenamente complementares.

A *revolta macabaica* é destacada, principalmente pelo 1º Macabeus, cujos personagens principais são os irmãos: Judas, Jônatas e Simão, e tais batalhas conduzem à libertação do templo de Jerusalém. Por sua vez, o 2º Macabeus focaliza a *reforma helenística*, que atenta contra a lei e o templo, salientando a resistência ativa (Judas) e a passiva (os mártires), trazendo consigo também a libertação do templo e sua nova dedicação.

## 2.3 Os Livros dos Macabeus

Os estudiosos são unânimes em afirmar, quase com certeza, que o 1º livro dos Macabeus<sup>8</sup> deve ser datado entre 134 e 63 aC, tempo da dinastia asmoneia, que sucedeu os tempos heroicos dos macabeus. O resgate do judaísmo e a ascensão da dinastia asmoneia refletem, em sua maior parte, uma narrativa histórica sóbria com grande respeito aos eventos descritos, porém, o autor, muitas vezes, se entusiasma (1Mc 2,48; 4,24; 5,63) e até revela os sentimentos mais profundos de sua alma através da poesia (1Mc 1,26-28.36-40; 2,7-13.49c-68; 3,3-9.45.50b-53; 4,30-33.38; 7,17; 9,21.41; 14,4-15) realçando os pontos altos e baixos no curso da história.

O 2º livro dos Macabeus<sup>9</sup> é anterior ao 1º e foi escrito no Egito, tendo como fonte primária os cinco volumes históricos de Jasão de Cirene, um judeu

7. Cf. FITZMYER, J.A. et al. *Novo Comentário Bíblico de São Jerônimo: Antigo Testamento*. São Paulo: Academia Cristã; Paulus Editora, 2007, p. 835.

8. Cf. ZENGER, E. (ed.) et al. *Introdução ao Antigo Testamento*, p. 267. O autor assinala que “não ficou preservado em algum lugar o texto original hebraico do primeiro livro dos Macabeus, do qual Jerônimo ainda dispunha (por volta de 400 dC)”.

9. Cf. Idem, p. 274. Comenta o autor que “o segundo livro dos Macabeus foi redigido desde já no grego *koiné* literário, com exceção das duas cartas no início do livro, traduzidas do hebraico ou aramaico (1,1-10a e 1,10b-2,18)”.

ortodoxo e hábil na arte helenista da narração retórica. Em tal coleção encontra-se o relato de acontecimentos que datam de 180-160 aC<sup>10</sup>. O autor bíblico resumiu o conteúdo desses cinco livros de Jasão em um só volume, provavelmente até o ano 124 aC, data encontrada na primeira carta que convida à festa da Dedicção do Templo (2Mc 1,9). O alvo do epitomista (abreviador) não é tanto a pura verdade dos acontecimentos, mas edificar e “proporcionar satisfação para os que pretendem apenas ler, facilidade para os que se interessam por confiar os fatos à sua memória, utilidade, enfim, a todos a cujas mãos chegar este livro” (2Mc 2,25).

Como o 2º Macabeus descrevia a luta passada numa chave mais triunfalista, pela ótica do Templo e da cidade, era necessário escrever de novo, recolher outras memórias para se compreender a situação do povo pobre, sobretudo dos camponeses, o povo da terra, oprimido e explorado, na época da redação do 1º Macabeus. Daí a razão de um novo livro (1Mc), redigido a partir do grupo que liderou e animou a revolta popular, apontando não só os acontecimentos gloriosos do passado, como também os erros da caminhada que os levaram, no futuro, ao fracasso. É a “teologia da história”, contada pelos pequenos, com a visão de fé do deuteronomismo profético<sup>11</sup>. “Efetivamente, o Deus invencível dos judeus protegerá o Templo e seu povo enquanto este for fiel ao seu Deus. Só que a infidelidade aqui se chama “helenismo” e a fidelidade tem duas manifestações, a saber, a dos mártires e a de Judas e seus soldados. Ambas são fidelidades complementares”<sup>12</sup>.

Para projetar e animar o futuro não era suficiente mergulhar nos acontecimentos do presente; era preciso rever a história com um novo olhar, o olhar de fé que nos permite ver, a partir de Deus. Essa constatação, tão atual, esconde a força da mudança sonhada por tantas pessoas de boa vontade. Quando se busca a limpidez da verdade dos acontecimentos, ainda que esse conhecimento provoque dor, por causa dos erros e ambiguidades, é possível acreditar em novos rumos e projetos para o mundo, para a vida social. A fé que faz brotar a esperança também conduz para a concretização do amor, da fraternidade. Mas é preciso vigilância para não se repetir os erros do passado, acreditar e fazer acontecer a globalização da paz e do bem. Por ora, prossigamos nossa viagem, para vermos mais de perto o que significou a reforma helenística na época dos macabeus (167-134 aC).

10. Cf. FITZMYER, J.A. et al. *Novo Comentário Bíblico de São Jerônimo*, p. 839.

11. Cf. GALLAZZI, S.; RUBEAUX, F. *Primeiro Livro dos Macabeus: autocrítica de um guerrilheiro*. Petrópolis: Vozes, São Leopoldo: Sinodal, 1993, p. 16-21.

12. LAMADRID, A.G. et al. *História, Narrativa, Apocalíptica*. São Paulo: Ave Maria, 2004, p. 317.

### 3. A Reforma Helenística e o Projeto das Nações

#### 3.1 A ótica do 1º e do 2º Macabeus

A partir do ano 200 aC, a hegemonia do Oriente passa dos Ptolomeus ou Lágidas (do Egito) aos Selêucidas (da Síria), herdeiros do macedônio Alexandre Magno (†323 aC), e os povos da Palestina, mais uma vez, conhecem o infortúnio da dominação. A dominação helênica (331-63 aC) dá continuidade a um tipo de organização já instaurada pelos seus predecessores persas que, através da imagem da tolerância com a cultura e as práticas religiosas dos povos subjugados, escondem ações violentas e opressoras.

“De um lado, o grande lucro dos chefes e dos nobres que escravizam os filhos e filhas dos camponeses, exploram e vivem das benesses adquiridas por meio da política de aliança e de “tolerância” imposta pelo império. E, do outro, um grande contingente de empobrecidos, esperneando e gritando contra os seus opressores”<sup>13</sup>.

De fato, a situação do povo pobre fica ainda pior com a dominação helênica. Para o judaísmo de Jerusalém e da diáspora, a reforma helenística não traz grandes problemas. A lei de Deus se identifica com a lei do rei. O início da história no 2º Macabeus reflete muito bem a boa convivência e a harmonia entre o judaísmo e o helenismo:

“A cidade santa vivia na mais completa paz, e os mandamentos eram observados da melhor maneira possível, por causa da santidade do sumo sacerdote Onias, e de sua firme oposição a tudo o que havia de mal. Os próprios reis respeitavam o lugar santo e homenageavam o Templo com os mais belos donativos” (2Mc 3,1).

Para o 2º Macabeus, o problema da helenização somente se faz sentir com a chegada de Antíoco IV Epífanes (175-164 aC) e sua abusiva sede de poder. Antes dele, tudo era bom.

O ponto de vista do 1º Macabeus, porém, é diferente: o princípio de todos os “males” encontra-se desde a dominação de Alexandre (1Mc 1,1-9). São duas análises da realidade sob óticas bem diferentes. Enquanto para o 2º Macabeus, da cidade, o *mal* termina com o Templo livre e a nova legalização do judaísmo (2Mc 15,34-37), para o 1º Macabeus o *mal* somente chega ao fim com a terra livre e a mesa farta (1Mc 14,8-15). Para se compreender, portanto, a razão da resistência dos macabeus, é preciso entender a relação da reforma helenística, não tanto com os grandes, mas com o povo pobre da terra, aqueles que desde épocas remotas foram “as vítimas da política das monarquias de Judá e de Israel. Expulsos de

13. VASCONCELLOS, P.L.; SILVA, R.R. *Como ler os Livros dos Macabeus: Memórias da Guerra: o Livro das Batalhas e o Livro dos Testemunhos*. São Paulo: Paulus, 2004, p. 9.

suas terras, mão de obra barata nos campos dos latifundiários, obrigados a servir nas milícias, e pesadamente tributados pelo estado<sup>14</sup>.

### 3.2 *As novidades da nova política*

Afinal, em que consistia a reforma helenística? Quais as novidades dessa nova forma de organização dos helenistas?<sup>15</sup> Nesse novo sistema, toda a base política e econômica provém da *polis*: uma cidade organizada de acordo com a administração dos gregos, cujo ato de governar é alternado entre os cidadãos. Nesta rotatividade inclui-se a concorrência pelo aluguel do direito de cobrar impostos. Com isso, aos poucos, a classe alta da sociedade, concretamente a elite de Jerusalém, vai apropriando-se desse mecanismo que favorece a exploração econômica do povo camponês. Essa prática econômica acaba atingindo o espaço sagrado. Quem detém maior poder econômico adquire o direito de ser sumo sacerdote. O Templo e a instituição sacerdotal conquistam grande importância econômica. Na disputa para conquistar e conservar o poder, encontramos vários exemplos de suborno, roubo, violação da lei e até assassinatos de inocentes (2Mc 4,7-8.23-24.32-34; 1Mc 7,4.9; 2Mc 14,3-4). Há um descalabro geral!

Outra característica importante para o entendimento do projeto helenizante é a conquista dos mares. O comércio é a fonte de riqueza das cidades. O transporte de enormes quantidades de mercadorias de uma cidade para outra, através das frotas de navios, provoca grande revolução no modo de produção. Quem ganha? Quem perde? Enquanto o camponês, o povo pobre da terra, é reduzido a produtor escravizado (1Mc 3,41), a aristocracia leiga de Jerusalém chega até a conquistar a isenção de impostos.

A materialização de Deus é outro agravante da reforma helenística. Apesar de terem um Olimpo cheio de deuses, os gregos eram profundamente materialistas. No teatro, os clássicos gregos manipulavam os deuses projetando-lhes sentimentos (amor, ódio, ciúme) e comportamentos humanos (casamentos, adultérios, assassinios), conforme a própria vontade. A religião centralizada na “fatalidade” e na “imutabilidade” reduzia a função do sacerdote à de meros adivinhos. E os mitos gregos legitimavam a situação social, sem possibilidades de mudança. O pensamento grego encontrava no “interior” do próprio homem – na tensão entre a alma e o corpo – a razão e a solução de todos os conflitos “externos”. Atribuindo à “alma” a superioridade sobre o corpo (acidental, insignificante, desprezível), prolongavam esse modo de compreender para explicar os conflitos de gênero, de classe e outros. Assim, a ordem se mantinha quando o “melhor”, entre os dois,

14. GALLAZZI, S.; RUBEAUX, F. *Primeiro Livro dos Macabeus*, p. 18.

15. Cf. GALLAZZI, S.; RUBEAUX, F. *Primeiro Livro dos Macabeus*, p. 25-29; VASCONCELLOS, P.L.; SILVA, R.R. *Como ler os Livros dos Macabeus*, p. 7-13.

governava o outro: quando a alma governava o corpo, quando o homem governava a mulher, quando o senhor governava o escravo e assim por diante. Esse modo de pensar, típico dos gregos, era largamente difundido em todas as formas de educação, principalmente entre os jovens, nos esportes e nas efebias (2Mc 4,9-10.12.18; 1Mc 1,14)<sup>16</sup> e também por meio do comércio e do serviço militar (1Mc 10,36-37).

### 3.3 O Projeto das Nações

#### 3.3.1 O novo dominador

Na primeira parte do 1º Macabeus são apresentados os dois polos do conflito. Segundo a perspectiva deuteronomista, que relê os acontecimentos históricos à luz da fidelidade à aliança com Deus – aliança que se desdobra em todas as circunstâncias da vida pessoal, social, política e religiosa –, os dois polos são: Israel e as Nações (Cap. 1 e 2). A narrativa histórica contada a partir do povo da terra, explorado e oprimido, traz à memória o ponto de partida de todos os “males”, ou seja, o momento em que o imperialismo grego derrota o poder dos persas e se alastra sobre toda a terra (Mc 1,1). Qual é o objetivo do Imperador Alexandre? Qual é a sua pretensão? O que está por trás de suas estratégias? Qual é, de fato, o seu projeto?

O que Alexandre busca é o mesmo de todo imperialismo que, para se expandir, não hesita em “empreender numerosas guerras, apoderar-se de fortalezas, eliminar reis, tomar despojos de uma multidão de povos” (1Mc 1,2-3a). “E a terra silenciou diante dele” (1Mc 1,3b), diz o autor. Ou melhor, “E a terra foi silenciada ‘à força’ diante dele”. Alexandre faz calar multidões de povos. O narrador continua: “Assim exaltado, seu coração se elevou” (1Mc 1,3c). Com esta afirmação, é evidenciado o grande pecado de Alexandre, que segundo a Lei do Deuteronomio, o rei jamais deveria cometer (Dt 17,20). O orgulho toma conta do coração do imperador. Daí, o acúmulo de riquezas, a exploração, o derramamento de sangue, a dominação do povo. Na pretensão de Alexandre, o Projeto das Nações! É exatamente o oposto do “temor de Javé”, válido não somente para o rei (Dt 17,19), mas para cada um de nós (Dt 8,6.11.14.19). Aquele que não teme a Javé perverte a consciência e, tornando-se autossuficiente, gera o orgulho que transforma a relação social em ganância pelo poder e cobiça pela posse. Se, depois da luta macabaica, os grupos dos macabeus não conseguiram firmar no tempo sua vitória, é porque não conseguiram dominar o orgulho do coração<sup>17</sup>.

16. Cf. DA SILVA, A.J. Paideia Grega e Apocalíptica Judaica. *Estudos Bíblicos*, Petrópolis: Vozes, n. 113, p. 7-22, 2012.

17. Cf. GALLAZZI, S.; RUBEAUX, F. *Primeiro Livro dos Macabeus*, p. 39.

Alexandre morre ainda jovem, sem herdeiros para o trono. Depois de sua morte, seus oficiais continuam o projeto de dominação, cada um na sua própria região (1Mc 1,8). E depois deles, os filhos (1Mc 1,9). São muitos anos de poder, de dominação, de exploração, cujo resultado é a “multiplicação dos males sobre a terra” (1Mc1,9).

“Contra o parecer de todos os historiadores que consideram o helenismo símbolo de progresso, de sabedoria, de democracia... contra a opinião de quem enaltece a arte, a filosofia, o desenvolvimento da Grécia... contra as inúmeras afirmações que consideram Alexandre o Grande o iniciador da expansão da civilização ocidental... contra tudo isso, este simples versículo. O mundo grego é a causa da ‘multiplicação dos males sobre a terra’”<sup>18</sup>.

Esse é o resultado da avaliação da história, à luz do Deuteronômio. Para o 2º Macabeus, a fonte dos mesmos males são as brigas internas do sacerdócio judeu pela disputa do cargo de sumo sacerdote (2Mc 4). O 1º Macabeus nos leva mais além: a raiz dos males é o imperialismo!

### 3.3.2 Antíoco IV Epífanes: o “rebento ímpio”

Continuando nossa viagem pelo túnel do tempo chegamos ao ano 137 da era grega (175 aC), quando começa a reinar Antíoco IV Epífanes, o “rebento ímpio”, o “ramo perverso”, a “raiz pecadora”. Antíoco é um dos “males multiplicados sobre a terra”, é fruto dos 137 anos do Imperialismo grego. É o grande inimigo do povo, cujo apelido de “Epífanes” (manifestação terrestre de Zeus) denota mais um orgulhoso. Contudo, os “males” não estão apenas com os estrangeiros. Há dentro do povo de Israel os chamados “filhos sem-lei” que seduzem muitas pessoas com suas palavras, na busca de *aliança* com as nações (1Mc 1,10-15). São os “filhos de *Belial*”, cujo destino da cidade que hospeda tais pessoas é a destruição, o anátema, a espada e o fogo (Dt 13,14-18). A proposta destes ímpios é a de abandonar a aliança com Javé para se ligar às nações. É a total ausência de perspectiva política.

Israel é um povo consagrado exclusivamente a Javé e se comprometeu com Ele através de uma aliança. Por conseguinte, deve construir uma sociedade fundada no direito e na justiça. E isso provoca ruptura com o modo de viver das *outras nações*. São dois projetos diferentes. Inconciliáveis! Incompatíveis! Excludentes! O Projeto das Nações visa a riqueza, o acúmulo, a dominação. Bem outro é o Projeto de Javé e de Israel que contempla a prática da justiça, da fraternidade e da partilha.

18. Idem, p. 40-41.

### 3.3.3 Opressão econômica, política e ideológica

Na contramão da Lei divina, muitos aderem à proposta do rei Antíoco IV Epífanes facilitando a entrada dos costumes gregos até em Jerusalém, o centro político e religioso, a cidade da paz! É a concretização da aliança de Israel com as nações. A construção de um ginásio (praça de esportes) em Jerusalém é o sinal da modernização. No ginásio, os jovens praticam esportes totalmente despidos e isso provoca-lhes o sentimento de vergonha por causa da circuncisão. Essa situação de constrangimento leva-os à tentativa de apagar as marcas da circuncisão, resultando no afastamento da Aliança Sagrada. Por isso, eles “associaram-se às nações pagãs e se venderam para praticar o mal” (1Mc 1,15). São estas “nações” que causam todo tipo de opressão que faz o Israel inteiro gemer e lamentar: opressão econômica (1Mc 1,16-24); opressão política (1Mc 1,29-35); opressão ideológico-religiosa (1Mc 1,41-59)<sup>19</sup>.

Antíoco Epífanes tem grande sede de poder. Seu grande projeto é dominar o Egito e assim formar um grande império junto com a Síria. Depois de dominar o Egito com exército imponente, invade Jerusalém e saqueia o Templo. Extrema violência e arrogância, roubos e mortes são as marcas do impiedoso general selêucida (1Mc 1,16-24). *Dois anos depois...* o ataque é contra a cidade. É a opressão política. O responsável desta ação é o cobrador de impostos enviado pelo rei, com forte exército. Engana os habitantes de Jerusalém com falsa proposta de paz. O resultado é cruel: roubo, saque, fogo, mortes, pilhagem, destruição. A Cidade de Davi é transformada em fortaleza militar! Essa medida faz quebrar o controle econômico que circulava ao redor do Templo (1Mc 1,29-35).

Para incrementar a política da helenização é preciso fragmentar a cultura e os costumes dos povos dominados. São as ideias que revolucionam o mundo. Por isso, o “rei” baixa um decreto, determinando que o “reino inteiro formasse um só povo, e cada qual deixasse de lado seus costumes particulares” (1Mc 1,41-59). A pretensão do rei é substituir a Deus tornando-se referência para todas as nações. É o máximo da opressão ideológica que procura arrancar do coração de Israel a memória de um Deus libertador e de um projeto igualitário ao agir contra o santuário, as celebrações, festas e sacrifícios. É a tentativa de apagar o *passado* glorioso do povo. É a ação contra a circuncisão, sinal da pertença a Javé, e dessa forma proporcionar o abandono da identidade do povo, do seu *presente*. É a ação contra a lei e as coisas justas para fazer esquecer o projeto de um *futuro* igualitário, na justiça e sem rei<sup>20</sup>. E isso é imposto pela força, com a ameaça de morte para os que não obedecem ao rei.

Além de tudo isso, o rei faz construir a “*Abominação da Desolação*” (Dn 9,27) – altar para *Baal-Shamem* ou *Zeus Olímpico* – em cima do altar dos ho-

19. Cf. Idem, p. 36-54.

20. Cf. Idem, p. 53.

locaustos (1Mc 1,54). É o cúmulo do absurdo! O culto imperial se alastra e as tradicionais leis judaicas são suprimidas.

“E não se podia celebrar o sábado, nem guardar as festas dos antepassados, nem simplesmente confessar que se era judeu. Eram arrastados com amarga violência ao banquete sacrificial que se realizava cada mês, no dia do aniversário do rei. E, ao chegarem as festas dionisíacas, obrigavam-nos a acompanharem, coroados de hera, o cortejo em honra de Dioniso” (2Mc 6,6-7).

E ainda, eram destruídos os rolos da lei, as mulheres eram assassinadas por praticarem a circuncisão em seus filhos, e todos eram obrigados a sacrificar porcos, exatamente por serem animais impuros perante a lei (1Mc 1,41-63; 2Mc 6,6-11). As imposições das práticas e dos costumes gregos tendiam a suprimir o judaísmo.

#### 4. O Projeto de Israel e a Revolta Macabaica

##### 4.1 *As motivações da resistência ao helenismo*

Ante o projeto helenizante de Antíoco IV Epífanes (1Mc 1,10-62) que contemplava a transformação de Jerusalém numa *polis* grega, o povo de Israel divide-se em dois grupos: os que transgridem a Lei seguindo as ordens do rei e adotam os costumes helenistas (1Mc 1,43-59) e os que resistem e permanecem fiéis à Aliança e à tradição (1Mc 1,61-64).

Depois de atingir Jerusalém e o Templo, a violência brutal do rei atinge o *coração* das famílias pelo assassinato de mães com seus filhinhos e demais familiares (1Mc 1,60-61). Enquanto o rei ultrapassa os limites de sua autoridade política, contradizendo as disposições do Deuteronômio (Dt 17,14-20) – segundo as quais o rei devia representar os anseios populares e, junto com o povo, se colocar a serviço da Lei –, essas mulheres, com a entrega de suas vidas, testemunham a fidelidade ao Deus da Aliança. Com certeza, essas mães acreditam na “bênção” e no “prolongamento da vida nos próprios descendentes (Dt 30,19-20)”. Como outrora, no Egito (Ex 1,17), é “a partir destas mulheres que preferem morrer a obedecer à ordem do rei que nasce o movimento de resistência. Um movimento que sabe resistir até ao martírio”<sup>21</sup>.

Ao contrário da geração de ímpios que renega a Aliança Sagrada (1Mc 1,15), “muitos israelitas permanecem firmes” (1Mc 1,63). Preferem a morte a serem infiéis a Javé! É desse grupo fortalecido pela coragem das mulheres que surgem os líderes da grande luta macabaica. É o povo pobre da terra, lá do interior. Eles estavam entendendo muito bem que, para além das mudanças de ordem cultural-religiosa, havia questões mais profundas de ordem econômi-

21. Idem, p. 56.

co-política. É o que descreve, por exemplo, 2Mc 3,4: “Certo Simão, da estirpe de Belga, investido no cargo de superintendente do Templo, entrou em *desacordo* com o sumo sacerdote a respeito da administração das mercadorias da cidade”. Ou ainda a informação a respeito da oferta de 360 talentos de prata por Jasão, irmão de Onias, ao rei Antíoco IV Epífanês para obter o cargo de sumo sacerdote (2Mc 4,7-8). Tudo isso nos permite detectar a perversão a que se chegou para que Jerusalém fosse incrementada pelo comércio e entrasse no grande mercado da civilização grega e, dessa forma, a aristocracia leiga e sacerdotal enriquecesse ainda mais.

O povo pobre da terra prevê que, com esta atual situação, e, segundo a maneira grega de pensar, eles seriam reduzidos a escravos. E tudo seria visto como “natural”, “imutável”, especialmente para eles que, segundo o judaísmo, já eram considerados “impuros”, incapazes de seguir a Lei. Este povo compreende que o Deus dos Pais seria substituído pelas divindades gregas e o projeto da Aliança com Javé, de construir uma sociedade justa, fraterna e igualitária, seria engolido pelo sistema grego de sociedade. Por conseguinte, para permanecer fiel à Aliança e realizar a vontade de Javé (Dt 26,16-19) era inevitável arregaçar as mangas e ir à luta pela libertação e vida de todos.

Em suma, o problema para o povo pobre da terra era menos a defesa do judaísmo contra o helenismo, imposto à força por Antíoco IV Epífanês, do que lutar contra a *aliança enganadora* da elite do Templo e a cidade grega. Nesse momento de crise, em que os diversos grupos do judaísmo buscam, cada qual, os próprios interesses políticos, econômicos e religiosos, ressurgem a memória deuteronômista e sua mística alimenta a resistência. No coração do grupo de Matatias e seus filhos (1Mc 2,1-70) permanece vivo o projeto de vida feliz e próspera pela fidelidade à aliança com o Deus único (Dt 30,15-20) e, conseqüentemente, o projeto de uma sociedade nova baseada na fraternidade entre os homens e na partilha de tudo o que Deus concedeu a todos. Por isso, o grupo dos macabeus resiste ao helenismo. É em nome do Deus único, da terra livre e da vida para todos que os macabeus iniciam a guerra.

#### **4.2 A Resistência de Matatias: zelo pela Lei e pela aliança dos pais**

Ao novo sistema social que produz opressores e oprimidos, ou seja, ao grande Projeto das Nações concretizado desde Jerusalém, começa com Matatias uma luta de resistência, um movimento de rebelião armada contra os gregos e seus associados da aristocracia judaica. Aos olhos de Antíoco IV Epífanês, a resistência dos judeus piedosos assume as características de uma verdadeira revolta e de uma oposição política perigosa. “O que é interpretado em termos de perseguição pela literatura judaica pode ser compreendido pelo historiador como uma reação contra a agitação que não parava de aumentar e a repressão de uma verdadeira

revolta armada”<sup>22</sup>. Por trás do grupo de Matatias e de seus seguidores mais antigos vigora o Projeto de Javé e de Israel, expresso através do “zelo pela Lei e pela aliança dos pais”.

Embora apresentado como sacerdote, da descendência de Joiarib<sup>23</sup>, filho de João e neto de Simeão, que se muda de Jerusalém para Modin, há quem levante a hipótese de que “Matatias seja do campo, quem sabe um levita, o mentor, o iniciador, o animador da luta do campesinato contra todos os ‘males’”<sup>24</sup>. Nas montanhas de Modin vive Matatias (“*presente de Javé*”) e seus filhos, cujos nomes carregam grande significado teológico e os apelidos têm forte simbolismo da luta e resistência: João (“*Javé foi benevolente*”) que tinha o apelido de Gadi (“*minha fortuna*”), Simão (“*Deus ouviu*”), conhecido por Tasi (“*zeloso*”), Judas (“*Deus guiará*”), chamado Macabeu (“*martelo ou designação de Javé*”), Eleazar (“*Deus ajudou*”), chamado Auarã (“*o desperto*”), e Jônatas (“*dado por Deus*”), chamado Afus (“*o favorecido ou o astuto*”)<sup>25</sup>.

Diante dos absurdos que aconteciam em Judá e em Jerusalém, Matatias reage com lamento e penitência. O que provoca o lamento de Matatias? O que ele vê? Matatias vê Jerusalém e o Templo nas mãos dos inimigos, saques, crianças assassinadas nas praças e jovens mortos pela espada, a cidade livre tornada escrava e o santuário profanado. Tudo isso provoca-lhe um profundo grito de dor, saído de suas entranhas: “Ai de mim! Por que nasci para ver a destruição do meu povo e a destruição da cidade santa?” (1Mc 2,7.13). Seu grito é semelhante ao de Jó (3,3) e ao de Jeremias (Jr 20,14). É o grito de quem se sente impotente. Mergulhados na dor, “Matatias e seus filhos rasgaram as roupas, vestiram-se com panos de saco e fizeram grande luto” (1Mc 2,14). Contudo, essas lágrimas não serão inúteis, pois Deus sempre ouve o grito dos pobres e oprimidos (Ex 3,7-8).

Depois do grande pranto, Matatias e seus filhos são forçados, como todo o povo, a abandonar sua fé e sacrificar aos ídolos. Mas, sua resposta é clara: “Eu, meus filhos e meus irmãos caminharemos na aliança dos nossos pais” (1Mc 2,20). Ainda que todo o povo, todas as outras nações abandonem os cultos e costumes antigos para obedecer à ordem do rei, Matatias e sua família perseveraram firmes, unidos e fortalecidos na fé. É do interior da “casa”, dos laços afetivos, familiares e religiosos, que se tece o fio da fidelidade e da resistência. E isso vale para diferentes situações de crise, tanto na caminhada pessoal quanto nas experiências

22. Citado por SILVA, A.J. da. *História de Israel: Os Macabeus I: A Resistência*. In: <http://www.airtonjo.com/historia38.htm>, acessado em 10/12/13.

23. Joiarib é, segundo Cr 24,7, o chefe da primeira das vinte e quatro classes sacerdotais que servem no Templo. Porém, é possível que essa preeminência seja devida à reformulação do texto após as vitórias dos Macabeus e seu acesso ao sumo sacerdócio.

24. GALLAZZI, S.; RUBEAUX, F. *Primeiro Livro dos Macabeus*, p. 67.

25. Cf. VASCONCELLOS, P.L.; SILVA, R.R. *Como ler os Livros dos Macabeus*, p. 41.

comunitárias e da sociedade; tanto para os ídolos do imperialismo quanto para os ídolos do sistema neoliberal globalizador.

À chegada dos emissários do rei em Modin, convocando a população para sacrificar aos ídolos, Matatias não apenas se nega a officiar o sacrifício, mas, inflamando-se de zelo, mata, sobre o altar, um judeu que se oferecera no seu lugar e mata também o emissário real (1Mc 2,23-24). É a “justa ira”, conforme a Lei do Deuteronomio, segundo a qual se deveria eliminar completamente qualquer infiltração de idolatria a fim de que os demais não fossem contaminados (Dt 13,7-10). E, a seguir, Matatias conclama em alta voz: “Todo o que zelar pela Lei e quiser manter firme à Aliança, saia após mim!” (1Mc 2,27). É o *zelo* que leva à luta. É o amor pulsando forte no coração e transformando a fé em prática, coragem, cuidado! Fé e luta, Lei e Aliança: é a mística do povo pobre, oprimido sustentando a fidelidade ao Projeto de Javé!

Depois disso, Matatias foge com sua família para as montanhas. Começa a grande luta contra os helenistas. E muitas outras famílias que “amavam a justiça e o direito” se agregam à família de Matatias, indo para o deserto. Na busca da fidelidade a Javé e para não profanar o dia de sábado, cerca de mil pessoas são exterminadas com suas famílias (1Mc 2,28-48). O martírio desses guerreiros leva o grupo a um discernimento profundo de que “a escolha do martírio em defesa da lei não é o caminho. Lutar é preciso. Lutar pela vida e pelas coisas justas”<sup>26</sup>. A defesa da *vida* será maior que a lei do sábado.

O grupo de Matatias é acrescido com a adesão dos assideus<sup>27</sup> e de todos os que fugiam dos males (1Mc 2,42-44) constituindo o exército que combate os judeus traidores, os “sem-lei”, em primeiro lugar. Eles percorrem o território destruindo altares sacrílegos, circuncidando à força os meninos incircuncisos e recuperando a Lei das mãos dos gentios (1Mc 2,45-48). Nesta luta, há uma coincidência de interesses dos sacerdotes e levitas empobrecidos com os interesses dos camponeses.

“Sacerdotes e levitas vivem da contribuição dos camponeses, pois o culto e o sacerdócio não têm propriedades, excetuando-se, é claro, uns poucos sacerdotes da nobreza. Os sacerdotes prestam serviços em Jerusalém só de tempos em tempos, morando no mais, em suas cidades e aldeias. O financiamento do culto fica, na maioria das vezes, por conta do Estado”<sup>28</sup>.

O interesse da classe sacerdotal, na verdade, é ter o controle público das terras e não a privatização da mesma como quer o direito do rei. Somente assim, eles

26. GALLAZZI, S.; RUBAUX, F. *Primeiro Livro dos Macabeus*, p. 77.

27. Assideus é a forma grecizada do hebraico *hassidim*, os “piedosos”. 1 Mc 2,42 afirma que “a partir daí, uniu-se a eles os grupos dos assideus, que eram israelitas fortes, corajosos e fiéis à Lei”.

28. SILVA, A.J. da. *História de Israel: Os Macabeus I: A Resistência*. In: <http://www.airtonjo.com/historia38.htm> Acessado em 10/12/13.

podem assegurar-se de que as contribuições para o Templo garantirão o sustento de suas famílias. Os sacerdotes que não se associam aos interesses filo-helênicos ficam prejudicados.

Matatias morre no ano 166 aC, mas, antes de morrer, pronuncia o lindo testamento que, trazendo à memória a fé dos antepassados, revela a mística que deve continuar animando a luta desses guerreiros (1Mc 2,49-70). É o convite à decisão de “zelar pela Lei e dar a vida pela aliança dos pais”.

#### 4.3 O Projeto de Judas Macabeu: “pastor” ou “líder político”?

##### 4.3.1 Judas: o Comandante

Depois da morte de Matatias, seu filho Judas Macabeu assume o comando da luta (1Mc 3,1-9,22), desenvolvendo uma guerra de guerrilhas cada vez mais ampla e vencendo um a um os generais selêucidas enviados para detê-lo. É preciso reconhecer, porém, o poderio das forças dos selêucidas para sufocar a rebelião judaica. No entanto, Antíoco IV Epífanes, ocupado com a explosão de vários problemas em diversas partes do reino, não pode ocupar-se, de fato, com os judeus. Isso, sem dúvida, favorece as vitórias de Judas e do grupo da guerrilha.

No início do relato de 1Mc 3,1-9, é tecido um belo elogio a este grande herói popular e, neste poema, canta-se a glória do seu povo, celebra-se a libertação alcançada e destaca-se sua capacidade de “reunir” os que estavam para morrer. Aliás, este verbo “reunir” é o eixo de toda a narração, articulada literariamente em três partes maiores, unidas entre si por duas partes menores. Tal narrativa não é linear, mas concêntrica:

- A – Judas, o Comandante (3,1-4,35)
- B – O Templo libertado (4,36-61)
- C – Judas, o Pastor (5)
- B’ – A morte de Antíoco (6,1-7)
- A’ – Judas, o Chefe (6,18-9,22)<sup>29</sup>.

A resistência ante o poder opressor não pode ser apenas passiva. Mas para o êxito da luta é preciso uma liderança que organize o povo e o ensine a enfrentar corajosamente o inimigo. O relato de 2Mc 8,1.5-7 nos conta as estratégias e táticas de Judas na busca da libertação:

“Entretanto, Judas, também chamado Macabeu, e os seus companheiros, iam introduzindo-se às ocultas nas aldeias. Chamando a si os coirmãos de raça e recrutando os que haviam perseverado firmes no judaísmo, che-

29. Cf. GALLAZZI, S.; RUBEAUX, F. *Primeiro Livro dos Macabeus*, p. 30-32; 85.

garam a reunir cerca de seis mil pessoas (...). Transformada a sua gente em grupo organizado, o Macabeu começou a tornar-se irresistível para os pagãos, tendo-se mudado em misericórdia a cólera do Senhor. Chegando de improviso às cidades e aldeias, ateava-lhes fogo; e, apoderando-se dos pontos estratégicos, infligia ao inimigo pesadíssimas perdas. Para tais incursões, escolhia de preferência a noite como cúmplice. De resto, a fama da sua valentia propagava-se por toda parte”.

A cada confronto com as tropas selêucidas, o grupo de Judas cresce e se torna cada vez mais eficaz no esforço para defender a vida e o projeto de conquista da liberdade (1Mc 3,10–4,35). Nessa luta desigual, entre o exército armado e o grupo de guerrilha comandado por Judas, fica claro que as quatro vitórias: contra Apolônio (3,10-12); contra Seron (3,13-26); contra Górgias (3,27–4,27) e depois contra Lísias (4,28-35) são lideradas pelo próprio Deus, embora não tenha dispensado o discernimento humano.

Em dezembro de 164 aC, exatamente três anos após a profanação do santuário, Judas e os seus tomam Jerusalém e purificam e consagram novamente o Templo:

“No dia vinte e cinco do nono mês – chamado Casleu – do ano cento e quarenta e oito, eles se levantaram de manhã cedo e ofereceram um sacrifício, segundo as prescrições da Lei, sobre o novo altar dos holocaustos que haviam construído. Exatamente no mês e no dia em que os pagãos o tinham profanado, foi o altar novamente consagrado com cânticos e ao som de cítaras, harpas e címbalos. O povo inteiro se prostrou com a face por terra para adorar, elevando louvores ao Céu que os tinha tão bem conduzido até ali. (...) Reinou, pois, extraordinária alegria entre o povo e assim foi cancelada a vergonha infligida pelos pagãos. E Judas, com seus irmãos e toda a assembleia de Israel, estabeleceu que os dias da dedicação do altar seriam celebrados a seu tempo, cada ano, durante oito dias, a partir do dia vinte e cinco do mês de Casleu, com júbilo e alegria” (1Mc 4,52-55.58-59).

Em comemoração a essa libertação do Templo é instituída a festa da *Hanukká*, isto é, da “Dedicação”, celebrada no dia 25 de Casleu (15 de dezembro). É uma das mais recentes do calendário de Israel (Ex 23,14-19). Durante esta festa cantam o *Hallel* (Sl 113–118), fazem procissão com palmas, ramos verdes e colocam lâmpadas acesas, símbolos da Lei, às portas e janelas das casas. Mesmo após a destruição do Templo, a festa da *Hanukká* continua e o ritual das lâmpadas acesas assegura a manutenção e a popularidade da festa, também conhecida como “Festa das luzes”. Após a purificação do Templo, Judas continua a guerra. A sequência dos fatos é um pouco divergente em cada um dos livros dos Macabeus dadas as perspectivas teológicas diferentes<sup>30</sup>.

30. Cf. FITZMYER, J.A. et al. *Novo Comentário Bíblico de São Jerônimo*, p. 840-842; 851-854.

#### 4.3.2 Judas: o Pastor

Em nossa viagem histórica chegamos à estação central, ao porto decisivo. Em outras palavras, chegamos ao coração da narrativa das façanhas de Judas em que ele se destaca como “pastor” que “reúne”, convoca todos os que não têm alternativas a não ser a morte, conforme já fora cantado pelo grupo da guerrilha (1Mc 3,9). É a missão final de Judas (1Mc 5,1-68). Ele é o bom pastor que, como Moisés, Josué e os antigos juízes, sabe “reunir”.

O projeto de Judas Macabeu e do grupo da guerrilha vai bem além de algumas reivindicações de autonomia religiosa, ou de liberdade de culto. Em continuidade ao projeto de Matatias, o de Judas também não é um projeto que busca autonomia política. Trata-se de um programa capaz de confrontar-se com o sistema estatal opressor, de ontem e de qualquer época histórica. É o projeto do pastor que quer conduzir as ovelhas para verdes pastagens (Sl 23): da paz, fartura, liberdade, igualdade<sup>31</sup>. Esse é o sonho do povo oprimido, que está por trás da luta de Judas: o ideal de uma sociedade sem opressores e sem oprimidos onde impera o direito e a justiça; um mundo de irmãos.

A preocupação de Judas é a de salvar o povo de Israel que vive no meio das “outras nações”, as quais decidiram exterminá-los (1Mc 5,1-3.9.15). Esses judeus passam a ser perseguidos até à morte (2Mc 12,3.9). Sob o comando de Judas, o grupo da guerrilha contra-ataca, voltando-se contra os gentios na Idumeia (1Mc 5,3-5), Amon (1Mc 5,6-8), Galaad (1Mc 5,9-13.24-54), Galileia (1Mc 5,14-23) e a “terra dos filisteus” (1Mc 5,55-68). “No momento, estas eram medidas de punição e defesa e não tentativas de libertação do jugo selêucida, mas as batalhas logo se tornaram uma guerra por completa independência”<sup>32</sup>.

É importante perceber que, bem no centro da luta, destaca-se a grande proeza dos Macabeus: a luta pela libertação dos irmãos que se encontram no território dos gregos (Simão na Galileia: 1Mc 5,21-23; Judas e Jônatas em Galaad: 1Mc 5,24-54). Simão combate muitas batalhas na Galileia. Depois da vitória, a grande peregrinação. Os filhos de Israel são conduzidos por Simão para a Judeia, com grande alegria (1Mc 5,21-28). “É um novo êxodo: da terra da opressão, do perigo, da morte para a terra prometida, para a segurança e vida”<sup>33</sup>.

Judas Macabeu e Jônatas seu irmão atravessam o Jordão, andam três dias pelo deserto e vão em direção às cidades gregas na região de Galaad. Eles são informados que dentro das cidades gregas estão muitos judeus com a vida ameaçada, pois os selêucidas atacariam as fortalezas no dia seguinte para tomá-las e exterminar todos eles num só dia (1Mc 5,21-27). Esta decisão faz desencadear

31. Cf. GALLAZZI, S.; RUBEAUX, F. *Primeiro Livro dos Macabeus*, p. 89-90.

32. FITZMYER, J.A. et al. *Novo Comentário Bíblico de São Jerônimo*, p. 851.

33. GALLAZZI, S.; RUBEAUX, F. *Primeiro Livro dos Macabeus*, p. 122.

a guerra santa<sup>34</sup>. A vida do povo está nas mãos de Deus! As cidades gregas são votadas ao anátema: fogo, espada, morte e saque.

Judas prossegue, destemido, no combate pelos irmãos (1Mc 5,32). É pela fidelidade à Lei e às tradições dos pais! É pelo Projeto de Javé, que não tolera nenhuma forma de escravidão. Quem rejeita seu projeto acaba sendo rejeitado.

“E Judas reuniu todo Israel...” (1Mc 5,45). Como no “grande acampamento” rumo à terra prometida (Ex 12,41), Judas agora é o novo Moisés que reúne todo o povo de Israel. É na liderança destas batalhas, de modo especial, que Judas passa da função de “comandante” à missão de “pastor”, como se pode ler em 1Mc 5,53: “Judas vai reunindo os que estão atrasados e anima o povo por toda a viagem, até chegar à terra de Judá”.

É “um Judas completamente diferente, cheio de preocupação, de carinho com os últimos, com os mais fracos. Conforta o povo. Todos são “reunidos” ao longo do caminho. Longe de ser o comandante militar, Judas assume as feições mais carinhosas de Deus: o Pastor (cf. Is 40,11)”<sup>35</sup>.

Na ação de Judas se cumprem as promessas messiânicas de Jeremias (23,3-8) e de Ezequiel (34,10-31): o bom pastor faz voltar os filhos de Israel do norte, onde tinham sido dispersados<sup>36</sup>. Libertado do jugo das “nações”, o povo de Israel pode reconhecer que o Projeto de Javé, assumido por Judas, busca a liberdade e a vida para todos. Não mais nas mãos do rei opressor nem do sacerdote a serviço do imperialismo, mas nas mãos de quem se apropria do Projeto de Javé, realmente colocando-se a serviço do povo, é que se torna possível a construção de uma sociedade justa e fraterna.

Judas cumpriu sua missão, ao reunir os que estavam para morrer (1Mc 3,9). É impossível não pensar no projeto de Jesus que veio para que toda a humanidade tenha vida, e vida em abundância (Jo 10,10).

#### 4.3.3 Judas: o líder político? Um novo discernimento

Oxalá tivesse terminado aqui a história dos Macabeus. Entretanto, “Judas não se contentou em ser o pastor, mas quis ser o “chefe”<sup>37</sup>, o líder político. Com

34. A guerra santa ou “sagrada”, na qual povoados inteiros são massacrados (1Mc 5,28.34-35.51; 2Mc 12,13-16), propõem-nos problemas teológicos de difícil solução. É importante considerar que: “A maioria das guerras e dos relatos de aniquilação são provavelmente ampliação literária – na linha do Dt – de escaramuças ou lutas reais, orientadas no sentido de garantir a segurança contra inimigos atuais ou potenciais. Em segundo lugar, é preciso recordar que o povo judeu age nestes casos em defesa de sua própria identidade, das ‘tradições pátrias e da lei’ (...). Finalmente, é preciso lembrar que estamos no Antigo Testamento e que essas atitudes não foram sancionadas por Jesus”. LAMADRID, A.G. et al. *História, Narrativa, Apocalíptica*, p. 307.

35. GALLAZZI, S.; RUBEAUX, F. *Primeiro Livro dos Macabeus*, p. 128.

36. Idem, p. 128.

37. Idem, p. 32.

certeza, o orgulho e a soberba também chegaram-lhe ao coração, pois, após o louvor de todo o Israel e das nações, Judas sai com seus irmãos para combater, sem ter sido provocado (1Mc 5,64-65).

Outrora, Matatias e seu grupo souberam discernir entre a defesa da vida e a lei do sábado; na hora da luta, Judas foi capaz de julgar, com os seus, as estratégias para melhor organizar os guerreiros para a batalha. Mas, naquele momento (1Mc 5,64-65), faltou a Judas um verdadeiro *discernimento* da situação. A guerrilha iniciada com o objetivo de preservar a identidade cultural e religiosa do povo se transformou em luta para reconquistar todo o território que, na época de Salomão, pertenceu aos israelitas. É a busca política para refazer um Estado independente. A morte de Antíoco IV Epífanes (1Mc 6,1-17) não significou o fim dos “males”.

As quatro últimas batalhas de Judas contra: Lísias (1Mc 6,18-63); Báquides (1Mc 7,1-24); Nicanor (1Mc 7,25-50) e Báquides (1Mc 9,1-22) rendem-lhe três derrotas e apenas uma vitória. Judas perde seu poder de convocação (1Mc 6,54); perde muitos combatentes pela morte ou dispersão (1Mc 6,42.54; 7,16.19; 9,2.6) e, depois de reconhecer “seu coração esmagado, pois não era mais a hora propícia para reunir os seus” (1Mc 9, 7-10), combate até perder a própria vida (1Mc 9,17-19).

Depois da morte de Judas, o movimento revolucionário prossegue com os irmãos: Jônatas (1Mc 9,23–12,53) e Simão (1Mc 13,1–16,24). Os judeus se tornam alvo da cobiça dos poderosos, tanto gregos como romanos. Por falta de clareza das situações e intenções, e por terem perdido o foco inicial da luta, ou seja, a memória presente não mais foi regada pela mística e pelo sentido que sustentou a luta passada, por isso o judaísmo se subdivide em diversos grupos, segundo interesses diversos, e todos se tornam “joguete” nas mãos dos grandes.

A história dos macabeus deixa-nos, dentre outros, um ensinamento sempre atual: a necessidade da fidelidade à Aliança exige um constante discernimento. Não basta a perseverança na luta se já não existe também a mística que gera comunhão e integração, na defesa não dos interesses pessoais, mas do Projeto de Javé. Atualmente, nossa sociedade também carece desse tipo de sabedoria, na eleição de seus governantes: um verdadeiro *discernimento político* que nos ajude na escolha de pessoas que façam do Projeto de Javé o alicerce de seu próprio projeto.

## Conclusão

Chegamos ao final de nossa viagem bíblica ao período histórico dos *macabeus*. Nas entrelinhas de nossa leitura, descobrimos o testemunho de coragem e resistência desses nossos antepassados na fé à dominação helênica. Nesse percurso redescobrimos também o rosto libertador de Deus: o “Javé” do povo oprimido,

de ontem, pelo Imperialismo grego, e de hoje, pelo sistema neoliberal globalizador. Reencontramos o Deus Pastor que cuida do rebanho e com seu braço o reúne; não busca os próprios interesses, mas, ao contrário, coloca-se totalmente a serviço das ovelhas frágeis e necessitadas de carinho e proteção.

Percebemos mais uma vez que o Projeto de Deus, que visa promover a vida, a justiça, a paz e a liberdade para todos, está sempre em conflito com o Projeto das Nações que alicerça sua riqueza e poder sobre a violência, a exploração e até mesmo a morte do povo.

O neoliberalismo globalizador atual, baseado na eficiência e produtividade, impõe valores econômicos e tecnológicos que minam as bases do Projeto de Deus destruindo valores essenciais para a construção de uma sociedade democrática, cristã e humana. Diante desse modelo vigente o Papa Francisco afirma:

“As graves crises financeiras e econômicas dos nossos dias – que têm a sua origem no progressivo afastamento do homem de Deus e do próximo, com a ambição desmedida de bens materiais, por um lado, e o empobrecimento das relações interpessoais e comunitárias, por outro – impeliram muitas pessoas a buscar o bem-estar, a felicidade e a segurança no consumo e no lucro fora de toda a lógica duma economia saudável (...). As sucessivas crises econômicas devem levar a repensar adequadamente os modelos de desenvolvimento econômico e a mudar os estilos de vida”<sup>38</sup>.

A leitura das façanhas da guerrilha macabaica suscitou em nós um olhar crítico para o presente de nossa história despertando-nos para o *discernimento* de nossas ações e atitudes. Essa capacidade de ver, por dentro e em profundidade, situações e acontecimentos deve nos possibilitar a avaliação correta das circunstâncias e iluminar nossas escolhas, quer no âmbito político, social, econômico. Quem se apropria dos valores do Projeto de Deus se capacita para discernir na fé a luta exigida por ele. Nós, discípulas e discípulos de Jesus, acreditamos que somente a abertura para Deus pode possibilitar a todo ser humano tornar-se instrumento eficaz na construção de um mundo mais humano e fraterno.

### **Bibliografia**

BONAVIA, P. Introdução. In: SOTER. AMERÍNDIA (org.). *Caminhos da Igreja na América Latina e no Caribe: novos desafios*. São Paulo: Paulinas, 2006.

COMBLIN, J. Panorama da América Latina hoje. In: SOTER (org.). *Deus e Vida: desafios, alternativas e o futuro da América Latina e do Caribe*. São Paulo: Paulinas, 2008.

38. FRANCISCO. Mensagem do Santo Padre para a Celebração do XLVII Dia Mundial da Paz, 1º de janeiro de 2014, Fraternidade, fundamento e caminho para a paz. In: [http://www.vatican.va/holy\\_father/francesco/messages/peace/documents/papa-francesco\\_20131208\\_messaggio-xlvii-giornata-mondiale-pace-2014\\_po.html](http://www.vatican.va/holy_father/francesco/messages/peace/documents/papa-francesco_20131208_messaggio-xlvii-giornata-mondiale-pace-2014_po.html) Acessado em 12/12/13.

SILVA, A.J. da. Paideia Grega e Apocalíptica Judaica. *Estudos Bíblicos*, Petrópolis: Vozes, n. 113, p. 7-22, 2012.

SILVA, A.J. da. *História de Israel: Os Macabeus I: A Resistência*. In: <http://www.airtonjo.com/historia38.htm> Acessado em 10/12/13.

FITZMYER, J.A. et al. *Novo Comentário Bíblico de São Jerônimo: Antigo Testamento*. São Paulo: Academia Cristã; Paulus Editora, 2007.

FRANCISCO. Mensagem do Santo Padre para a Celebração do XLVII Dia Mundial da Paz, 01/01/2014, Fraternidade, fundamento e caminho para a paz. In: [http://www.vatican.va/holy\\_father/francesco/messages/peace/documents/papa-francesco\\_20131208\\_messaggio-xlvii-giornata-mondiale-pace-2014\\_po.html](http://www.vatican.va/holy_father/francesco/messages/peace/documents/papa-francesco_20131208_messaggio-xlvii-giornata-mondiale-pace-2014_po.html) Acessado em 12/12/13.

GALLAZZI, S.; RUBEAUX, F. *Primeiro Livro dos Macabeus: autocrítica de um guerrilheiro*. Petrópolis: Vozes; São Leopoldo: Sinodal, 1993.

IRIARTE, G. A globalização neoliberal: absolutização do mercado que a tudo coloniza. In: SOTER. AMERÍNDIA (org.). *Caminhos da Igreja na América Latina e no Caribe: novos desafios*. São Paulo: Paulinas, 2006.

LAMADRID, A.G. et al. *História, Narrativa, Apocalíptica*. São Paulo: Ave Maria, 2004.

REED. Mercado de Carbono; Pagamento por Serviços Ambientais. O que são? O que fazer? Fórum Mudanças Climáticas e Justiça Social. Comissão Episcopal Pastoral para o Serviço da Caridade, da Justiça e da Paz. Conselho Indigenista Missionário (org.). Brasília: CEBI, 2012.

VASCONCELLOS, P.L.; SILVA, R.R. *Como ler os Livros dos Macabeus: Memórias da Guerra: o Livro das Batalhas e o Livro dos Testemunhos*. São Paulo: Paulus, 2004.

ZENGER, E. (ed.) et al. *Introdução ao Antigo Testamento*. São Paulo: Loyola, 2003.

*Neuza Silveira de Souza*  
e-mail: [souza.z@terra.com.br](mailto:souza.z@terra.com.br)

*Maria de Lourdes Augusta*  
Rua Rio Pomba, 1461  
Bairro Pe. Eustáquio  
30720-290 Belo Horizonte, MG  
e-mail: [lourdesaugusta@ig.com.br](mailto:lourdesaugusta@ig.com.br)